

MEIA-NOITE

Peça em 3 actos de D. JOÃO DA CÂMARA. 1.^a edição, 1900; reeditada em 1953.

Representada pela primeira vez no Teatro D. Amélia (hoje S. Luiz), de Lisboa, em 5 de Janeiro de 1900.

[...]

Duas cenas: os aposentos do Cónego nos telhados da Sé de Lisboa (1.º e 3.º actos), o coro da Sé, com a balaustrada ao fundo, para além da qual se esfuma o templo (2.º acto). Fim do século.

O próximo casamento de Lucrecia, filha do sineiro «Sursum-Corda», com o santeiro Cesário vem agitar levemente a vida estagnada dos moradores da velha catedral, onde os ecos do mundo exterior quase não chegam: o velho Cónego e sua sobrinha Romana, que um desgosto de amor sofrido na adolescência como que sepultou em vida, e o organista Crisóstomo, que a ama secretamente. O conflito, muito ténue aliás, que entre estas personagens se esboça, como que se imaterializa («a vida... um sonho... outro sonho... nunca se é bem acordado», dirá uma delas); e, tal como o interior do templo visto do coro ou o casario da cidade visto do telhado, a realidade esbate-se, perde os seus contornos, o amor terreno fecha-se numa renúncia, transmuda-se em saudade, sublima-se em criação artística, travando-se o drama entre as consciências ou dentro da própria consciência de cada personagem: «A mim mesma digo o que sinto, e me respondo, que alma não há que não tenha duas vozes», diz Romana a Crisóstomo, quando ambos confessam o seu amor, que não há-de consumir-se.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 228-229.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqt^a Paula Silva.